

DESAFIOS PARA A ARQUEOLOGIA DO MUNDO ROMANO: ENTREVISTA COM CARLOS FABIÃO¹

Filipe Noé Silva²

Pedro Paulo Funari³



Entrevista realizada pela plataforma Google Meet, no dia 28 de janeiro de 2022.

Link: [<https://www.youtube.com/watch?v=KKOBICeFBWw>]

Filipe Noé Silva: Daremos início, então, à entrevista com o professor Carlos Fabião, da Universidade de Lisboa, a quem gostaríamos de agradecer por ter aceito com prontidão nosso convite. A entrevista será realizada por mim, Filipe Noé Silva, professor colaborador do Departamento de História da Universidade Estadual de Campinas, e pelo professor Pedro Paulo Abreu Funari, professor titular nesta mesma universidade. Esta entrevista será publicada na Revista Heródoto, da

¹ Professor Associado - Universidade de Lisboa, Lisboa, Portugal. E-mail: cfabaiao@campus.ul.pt.

² Professor Doutor - Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, Brasil. E-mail: fnd.silva@udesc.br.

³ Professor Titular - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, Brasil. E-mail: ppfunari@uol.com.br.

Heródoto, Unifesp, Guarulhos, v.7, n.2 - 2022.2. p. 08-18.

DOI: 10.34024/herodoto.2022.v7.15466

Universidade Federal de São Paulo, a quem também gostaríamos de agradecer por todo apoio e suporte. Passo, então, a palavra ao professor Funari para que possamos iniciar.

Pedro Paulo Abreu Funari: Eu sou Pedro Paulo Funari, da Unicamp, do Departamento de História. Em primeiro lugar, gostaria de saudar a participação do professor Carlos Fabião, nesta nossa entrevista, e dizer que é uma satisfação muito grande esta oportunidade de trocarmos ideias e aprendermos com o professor Fabião sobre diversos temas relativos ao mundo antigo. Então, eu gostaria de começar, professor Fabião, com uma pergunta a respeito de sua trajetória. Nós somos contemporâneos, nascemos no mesmo ano, 1959, o que nos aproxima ainda mais. Mas, a questão que me parece interessante e relevante em sua trajetória é o fato de o professor atuar, digamos, em diversas áreas: História, Arqueologia, Letras. Então, eu gostaria que o professor falasse um pouco sobre a sua trajetória, as características. Como hoje, na maturidade, você olha para trás e avalia essa trajetória.

Carlos Fabião: Bom, muito boa tarde! Em primeiro lugar, eu queria agradecer o honroso convite que me endereçaram e dizer que é um enorme prazer estar a conversar com meu querido amigo, professor Pedro Paulo Funari e com o Filipe Silva também. Minha trajetória se iniciou com uma licenciatura em História. Na altura em que eu fiz minha licenciatura, aqui em Portugal, só existia licenciatura em História. Depois, surgiram a licenciatura em História da Arte, paralela, e a licenciatura em Arqueologia, paralela também, embora exista sempre um tronco comum entre essas três licenciaturas nas universidades portuguesas. Eu fiz a minha licenciatura em História, já então com muito interesse em Arqueologia, embora a Arqueologia nesse tempo (anos setenta do século passado), fosse algo um tanto marginal, secundária. Era uma atividade que hoje consideraríamos amadora. Ou seja, normalmente, as pessoas procuravam um emprego, tinham um emprego, e nas horas livres dedicavam-se à pesquisa. No meu caso, eu comecei justamente como professor do Ensino Secundário, pré-universitário, e paralelamente eu fazia os meus estudos, continuava os meus estudos com os meus professores da universidade, no Verão. Tive a boa fortuna de fazer a licenciatura em um tempo (anos setenta, restaurada a Democracia, regressados muitos professores que estavam exilados e entraram no sistema universitário) e em uma universidade, Universidade Nova de Lisboa, que estava começando. Eu pertencço à primeira graduação

em História da Universidade Nova de Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas. E era então uma instituição muito dinâmica [atenção, não me interpretem mal, não estou dizendo que agora o não seja...], sobretudo promovendo bastante relação com o universo das Ciências Sociais. Depois, eu tive uma oportunidade e entrei para a docência no ensino universitário, na Universidade Nova de Lisboa, onde lecionava no Departamento de História, mas também lecionava no Departamento de Antropologia. Essa experiência mista foi extremamente importante e interessante justamente porque estas tarefas de ensino me desafiavam, me obrigavam, no fundo, a continuar minha própria formação nesses dois domínios: Ciências Sociais e História, mas com uma atração permanente por Arqueologia. Arqueologia essa que, gostaria de sublinhar, eu nunca entendi como outra coisa senão uma forma de fazer História. Não considero que sejam campos distintos ou separados. São exatamente a mesma coisa. A única diferença reside, fundamentalmente, no *corpus* de fontes que o arqueólogo utiliza e no *corpus* de fontes que frequentemente o historiador utiliza. No entanto, quando pensamos no mundo clássico, do mundo provincial romano, aquele em que eu trabalho, naturalmente, o legado textual, a dimensão epigráfica, as inscrições sobre suportes duros e tudo isso, estão naturalmente, constantemente convocados não podemos ficar somente com os dados do registro arqueológico. Entretanto, abriu uma licenciatura em Arqueologia na Universidade de Lisboa, que é a outra universidade pública de Lisboa, e eu candidatei-me a um lugar de professor, visto não existir então o curso de Arqueologia na Universidade Nova. Por isso, apresentei-me de docência na Universidade de Lisboa e para lá me mudei. A partir daí, a partir de 1990, toda minha atividade de docência e investigação tem sido desenvolvida na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Penso que, em linhas gerais, isto dá uma ideia do percurso, sobretudo do percurso profissional. Depois, paralelamente, existe o percurso de investigação, que me tem levado para distintas regiões de Portugal e para diferentes contextos de pesquisa.

FNS: Ficou claro, portanto, que sua trajetória tem sido interdisciplinar. Na sua atuação como arqueólogo, como estudioso da Antiguidade, quais foram as vantagens de passar por uma formação interdisciplinar? Quais são os eventuais benefícios e, eventualmente, limitações que essa formação interdisciplinar tem lhe proporcionado ao longo de sua trajetória?

CF: Eu diria que as vantagens são evidentes. Multiplicar os modos como olhamos para as realidades da Antiguidade é extremamente importante. Devo dizer que para além da minha formação, primeiro escolar e licenciatura já de si interdisciplinar, depois, eu próprio senti a necessidade de caminhar para outros territórios de interdisciplinaridade. Dou apenas alguns exemplos: estudando o universo da economia romana, eu sentia a necessidade de alargar o tipo de estudo que fazíamos, por exemplo, sobre as ânforas. Senti a necessidade de conhecer melhor os seus fabricos. A partir daí, estabeleci contato, comunicação e diálogo com equipas que trabalham em pesquisa na área da Química e da Geologia também. Foi um processo importante de aprendizado, na medida em que eu tive que estudar quais eram os métodos de trabalho que esses cientistas utilizam, quais as limitações e vantagens desses métodos. A partir daí de perceber o que a Geologia e Química poderiam me dar, era importante transmitir o que queria eu saber, para podermos afinar métodos e procedimentos. Queria também que eles percebessem o que eu queria saber. Este foi um primeiro nível. Mas, depois, naturalmente, trabalhando com o universo dos metais, cheguei também à conclusão de que era importante aprofundarmos o estudo sobre as questões de proveniência e composição das ligas metálicas. Temos presentemente um estudo sobre chumbos romanos em fase de finalização com outros colegas que trabalham com metalografia. Fui percebendo também outra coisa importante: os sítios arqueológicos de época romana guardam um conjunto de realidades a que o arqueólogo Lewis Binford chamava de ecofactos, para os distinguir dos artefactos, que são, no fundo, todos os vestígios que resultam das interações entre as sociedades humanas e seu meio-ambiente, a exploração de recursos e tudo mais. Percebi que esse enorme manancial de informação não era devidamente aproveitado, explorado. Havia e há muitos estudos de arqueozologia, em nível de pré-História, mas quando chegamos em época romana não há muitos estudos nessa área, embora haja um enorme manancial de informação disponível. Nesse sentido, também, aproximamos e desenvolvemos trabalhos de pesquisa com grupos de biólogos, fundamentalmente, e desenvolvemos também abordagens a outro tipo de dados em sítios de longa tradição de pesquisa. Por exemplo, nas *villae* romanas, há muita investigação importante sobre as grandes residências senhoriais, com suas arquiteturas, seus mosaicos, estuques pintados, nesse tipo de realidade. No entanto, são interessantíssimas as lixeiras que existem nessas *villae*. E nós temos, por exemplo, nos mosaicos e na pintura, estes personagens que seriam justamente os membros da elite caçando, a cavalo, veados. Ora, diríamos que isso é uma cena estereotipada. No entanto, estudando as lixeiras e caracterizando as faunas encontrada nessas lixeiras, vamos encontrar, exatamente, os cervídeos, os

veados. Ou seja, podemos perceber que havia prática venatória com animais de grande porte, como a iconografia ou os textos latinos nos mostram. Mas, mais interessante é encontra-los nas lixeiras. Também encontramos nas lixeiras das *villae*, às vezes a grande distância, a mais de 300 quilômetros do mar, ostras. E sabemos, portanto, naturalmente, que há a possibilidade de conservar essas ostras e transportá-las a grandes distâncias. Depois, lendo o livro romano de culinária de Apício (*De Re Coquinaria*), sabemos que está lá uma receita para conservar ostras. Os romanos tinham receitas para conservar ostras. Mas, é olhando para lixeiras que nós encontramos o resultado prático dessa conservação. Uma outra questão, por exemplo, é a exploração dos recursos marinhos. Existe uma série de referências dispersas, na literatura latina e grega, sobre a exploração dos recursos marinhos e a produção de condimentos de peixe. O *garum*, o *halec* e outros preparados e condimentos, e conhecemos também algumas descrições sobre a natureza desses preparados. No entanto, quando nós encontramos as unidades de produção, as fábricas, digamos assim, onde se produziam esses artigos, os tanques onde essa produção era feita, encontramos no seu interior restos de ictiofauna (vértebras e escamas de peixes). Em uma perspectiva arqueozoológica, essa ictiofauna, esses restos de peixe, dão-nos uma ideia clara sobre a natureza do produto que se estava a produzir. Portanto, libertamo-nos, de alguma forma da imagem estereotipada dos textos, para descer ao mundo real e acrescentar informação. Tudo isso faz com que meu trajeto de interdisciplinaridade tenha crescido e espero que continue a crescer porque tem imensas potencialidades. É tudo aquilo que podemos retirar de interessante sobre o passado e que está muito para além dos nossos próprios conhecimentos, na medida em que eu tenho uma formação, apenas, em História e Ciências Sociais. Eu não sei identificar os ossos de veados, as vértebras de peixe ou as ostras. Eu sei, hoje em dia, o que é uma casca de ostra. Mas, obviamente, o percurso é sempre o de trabalhar em equipa. E quanto mais diversificadas forem, mais rica se torna a perspectiva, mais diversos os olhares, mais rica a informação.

PPAF: Muito interessante tudo o que o professor mencionou. Primeiro porque, muitas dessas reflexões também tiveram ressonância em minha trajetória, como essa questão de trabalhar com pessoas de diversas formações e com vestígios tão variados. Isso exige, naturalmente, uma intensa cooperação com áreas diferentes. Com isso, embora o professor já tenha respondido uma parte da questão que eu havia esboçado, que é sobre a Arqueologia para o estudo da Antiguidade. O senhor já exemplificou de maneira abundante essa importância dos vestígios materiais. Mas, para

Heródoto, Unifesp, Guarulhos, v.7, n.2 - 2022.2. p. 08-18.

DOI: 10.34024/herodoto.2022.v7.15466

aprofundar um pouco mais nesse tema, a questão que eu faria é: em que medida as áreas tradicionais, História Antiga, Arqueologia Romana, História da Arte Antiga, entre outras, como Letras e Literatura, Latim, Grego, são áreas que têm licenciatura, como ficam todas essas disciplinas ante o desafio da evidência arqueológica? No caso das Letras, por exemplo, há pessoas que estudam Catulo, mas que vão à busca da materialidade mencionada nos textos. Como ficam as outras áreas ante ao desafio da Arqueologia, das informações da cultura material e que vêm complementar, contradizer ou suplementar o que está nos outros registros.

CF: Há uma questão e alguns equívocos em torno disso, costumo dizer que trabalho Arqueologia Provincial Romana e não Arqueologia Clássica em termos genéricos, na medida em que essa Arqueologia Clássica, muitas vezes, está mais vocacionada aos objetos estéticos, às arquiteturas e para o domínio filológico. Acho que tudo isso, obviamente, toda essa tradição que remonta a Winckelmann e aos estudos da arte antiga tem sentido e só ganha em ser articulado com outros domínios da investigação. Tome-se o caso da agronomia romana, bem conhecida por diversos tratados da época, mas quando olhamos os grandes domínios rurais do mundo romano, não faz muito sentido estarmos a falar sobre a produção de azeite ou do vinho sem sabermos como se faz o vinho ou o azeite. Tudo isso tem, naturalmente, que passar por um conhecimento dos agrônomos latinos para saber, efetivamente, como eles lidavam com essas realidades e, simultaneamente, também, com a observação dos processos tradicionais de produção desses alimentos para podermos cruzar essas realidades com as materialidades do registo arqueológico. Quanto ao domínio mais puramente literário, há todo o interesse em aprofundar a relação e cruzar informação. Falo de uma experiência que nós realizamos há pouco tempo, e que culminou em uma pequena exposição, no âmbito de um congresso de filólogos sobre o poeta latino Estácio e a discussão de sua obra. Ora, nos poemas de Estácio, encontramos uma série de referências que conseguimos associar às materialidades que obtemos no registro arqueológico. E o que fizemos foi, justamente, uma exposição em que os artefatos arqueológicos selecionados eram utilizados como ilustração dos apontamentos feitos pelo poeta Estácio. Portanto, esse cruzamento continua, naturalmente, a existir e tem sido extremamente interessante e profícuo, também com engenheiros e arquitetos, ou seja, com pessoas que sabem como é que um edifício da complexidade dos edifícios romanos se monta e funciona, com todos o seu sistema de drenagem de águas pluviais: sobre como se constrói, se estrutura, e tem sido verdadeiramente interessante. Não há, efetivamente, limite nenhum e não creio que o registo arqueológico, sob o

grande desenvolvimento que a Arqueologia sobre o período romano, como tem tido nos últimos tempos, ponha em causa ou entre em conflito com as abordagens tradicionais. Acho que tudo isso acrescenta e enriquece.

FNS: Gostaríamos que o professor Fabião comentasse um pouco sobre História da Arqueologia. Há alguns anos, o senhor publicou um livro interessante e detalhado sobre a História da Arqueologia Portuguesa. Comente um pouco a importância desse tipo de estudo no mundo atual, sobre a importância de refletirmos sobre como cada época olha, interpreta e faz uso do passado.

CF: O tema da História da Arqueologia entrou relativamente cedo na minha vida de pesquisador e docente. Nasceu nos anos de 1980, sobretudo após a leitura de dois livros do professor e arqueólogo inglês Glyn Daniel, respectivamente *A hundred and fifty years of Archaeology* e uma antologia de textos que acompanhava esse volume. Gostei imenso de ler ambos os livros e, naturalmente, a pergunta que se colocou foi: e aqui, em Portugal, como foi esse processo? E como eu gosto de trabalhar em bibliotecas e arquivos, parti, também, para o desenvolvimento dessa linha de pesquisa, de História da Arqueologia, que eu costumo dizer, que é o meu retiro. Quando estou cansado dos temas da cerâmica, da economia e da alimentação, tiro uns dias para me dedicar à História da Arqueologia. E, obviamente, a grande questão é essa: a curiosidade que eu sinto hoje, e que me fez caminhar no sentido do estudo da Antiguidade através dos vestígios arqueológicos sob uma perspectiva multidisciplinar, o que é que moveu as pessoas? O que é que moveu o erudito do século XVI, do século XVII, do século XVIII, do século XIX e do século XX? A partir daí nós vamos, naturalmente, tal como hoje, percebendo como viram e interpretaram os vestígios do passado, eu, por exemplo, penso o mundo em que vivo por minha postura política, também esses pesquisadores do passado refletiam, naturalmente, seu próprio tempo. Todos nós, no fundo, somos como aquele provérbio árabe que diz: todos os homens se parecem mais com o seu tempo do que com seus próprios pais. E acho que isso é muito correto, pois somos sempre fruto do nosso tempo. É também um fascinante mergulho, por assim dizer, nas diversas épocas e nos diversos contextos culturais. Os usos e abusos do passado, usos esses que nós tentamos, digamos assim, não fazer deliberadamente, mas que acabamos sempre por fazer. Por exemplo, quando hoje em dia falo dos vestígios arqueológicos e do passado, sempre sublinho o caráter aberto e

cosmopolita da Península Ibérica. No contexto de Portugal, sempre que falo disso, é para dizer e sublinhar que todas as identidades são, por assim dizer, mestiças e que incorporam realidades de diferentes âmbitos culturais, de diferentes esferas de sensibilidade e que a construção de identidades é, hoje em dia, não um fator de exclusão, mas um fator de aproximação, de compreensão e tolerância para com o outro, que é também uma parte de nós. E aqui, bom, poderei também ser acusado de estar a fazer usos do passado.

PPAF: Sua última menção é muito encorajadora para nós. Essa ideia de convivência, interação, é um olhar crítico sobre o passado, mas com uma mensagem positiva, esperançosa sobre o presente. Gostaria que o professor comentasse um pouco sobre sua relação com o estrangeiro. Sua cooperação com estudiosos de fora de Portugal é algo evidente em sua trajetória: o que isso significa para os jovens? Qual a importância da cooperação fora das fronteiras? Acho que isso coaduna, um pouco, com a questão mencionada sobre as identidades mestiças.

CF: A questão é esta: acho verdadeiramente extraordinário a possibilidades que se abre hoje aos jovens pesquisadores de fazerem alguma formação no exterior, por exemplo, que existe o Programa Erasmus, segundo o qual, um estudante universitário de todo o espaço europeu pode circular por diferentes universidades de qualquer país da Europa. Penso que também, de fato, no nosso tempo, professor Funari, não querendo parecer o discurso do idoso, isso era uma aventura. Qualquer saída para o exterior era uma aventura. E uma aventura complicada! Daí que minhas primeiras aventuras, minhas primeiras saídas para fora de Portugal tivessem sido para a Espanha porque era o país que estava mais próximo e acessível, inclusive do ponto de vista financeiro era aquilo que eu podia suportar. Desde essas saídas comecei a perceber a enorme vantagem, o enorme enriquecimento decorrente desses contatos, de conhecermos outros mundos, outras realidades, sob todos os pontos de vista. Eu tive um professor nos anos 70 que dizia uma coisa extraordinária. Era um tempo em que Portugal ainda estava muito fechado: já havia acabado a ditadura, mas havia muitas limitações, sobretudo de natureza financeira. Ele dizia que devia haver a hipótese de dar uma pequena bolsa de estudo para um qualquer estudante ir até Paris, bastava só poder olhar as montras das livrarias, para saber que rumos estava tomando a investigação, o que se está fazendo fora deste espaço limitado e fechado

que era o nosso (era também um tempo em que a cultura científica portuguesa na área das Humanidades e Ciências Sociais era sobretudo francófona). Não havia os voos *low cost*, não havia o conjunto de apoios que existe hoje em dia. Sair do nosso espaço é extremamente importante, por exemplo, para observar realidades novas. Experimentar ambientes diferentes. Quem estuda o Imério Romano não pode esquecer que ele se estendia desde a Síria à Grã-Bretanha, e do norte da África até ao Danúbio. Há uma herança comum que deve ser valorizada. Há uns anos atrás, fui convidado para participar de umas jornadas de encontro entre universidades portuguesas e do Marrocos. O que eu disse nesse encontro era que nós, da Península Ibérica, e o Norte da África tínhamos a mesma herança cultural. Hoje em dia se encontra fraturada, em termos políticos e religiosos. Nós, membros da União Europeia e as pessoas do Marrocos, membros da OUA (Organização de Unidade Africana) são duas instituições distintas, mas todos pertencemos à ONU. Portanto, uma fronteira política e religiosa. O mundo da Península Ibérica com sua tradição judaico-cristã e o Marrocos com sua matriz islâmica. No entanto, historicamente, essas duas realidades, a fronteira política e religiosa são recentes e se rasgaram sobre uma herança comum. Portanto, temos esses pontos de contato, esses pontos em comum e de aproximação mais rico e interessante é o que nos aproximou no passado do que o que nos separa hoje.

FNS: O senhor já esteve no Brasil algumas vezes. Além do diálogo com a Unicamp e com o professor Funari, o senhor também manteve, e ainda mantém, contato com outras instituições, grupos de pesquisas e estudantes de História Antiga aqui do Brasil. Sobre a História Antiga que tem sido feita aqui no Brasil, quais aspectos te chamaram a atenção? Há alguma peculiaridade que a aproxima o História da Antiguidade feita aqui no Brasil daquela que o senhor tem acompanhado na Europa ao longo da sua trajetória.

CF: Eu corro o risco de ser injusto, na medida em que meu conhecimento é bastante limitado. O Brasil é um mundo, é quase um continente, seguramente, com matizes muito diferente. Provavelmente, seria interessante que o Brasil criasse as suas próprias escolas em Roma e Atenas. Sei de pesquisadores que têm trabalhado no âmbito de projectos integrados nas grandes escolas internacionais sediadas em Roma e Atenas, o que tem, naturalmente, contribuído para o enriquecimento de sua

formação e tem efeito multiplicador entre os estudantes desses pesquisadores. Mas criar organismos próprios, poderia tornar a pesquisa brasileira menos dependente das iniciativas individuais e elevar a sua qualidade pela imersão em ambientes mais cosmopolitas. No que diz respeito àquilo que são as linhas de pesquisa do Brasil, àquilo que eu noto, tem muito a ver com uma matriz anglo-saxônica, com uma atenção muito especial às perspectivas epistemológicas ditas pós-coloniais. Percebe-se que as coisas ganhem sentido nessa direção. Pessoalmente, não sou muito adepto das abordagens pós-coloniais no que diz respeito ao Império Romano, por exemplo, na medida em que eu acredito que o Império Romano foi, fundamentalmente, um império inclusivo na forma como incorporou novas entidades, como foi absorvendo e dando espaço ao desenvolvimento dessas novas realidades. Em menos de dois séculos já havia imperadores provinciais, e quando olhamos a lista de imperadores romanos vemos pessoas da Península Ibérica, imperadores norte-africanos e um imperador sírio. Há, efetivamente, uma grande diversidade que nos faz ver e pensar que o Império Romano era inclusivo. Aliás, acho que a longevidade do Império Romano alcançou tem a ver com isso, com o fato de ser um império inclusivo. É interessante que o universo dos imperialismos contemporâneos tardiamente percebeu que a estratégia inclusiva era o maior garante da continuidade. O interesse pelos estudos clássicos, por exemplo, da Grã-Bretanha, estava intimamente relacionado com a apreciação que se fazia do seu Império. Aqui em Portugal aconteceu algo parecido, muito tardiamente, já na década de 1960, já no pós-Segunda Guerra Mundial, quando ocorre o grande movimento das descolonizações. Nessa altura, tardiamente, criou-se também uma escola superior de estudos coloniais aqui em Portugal onde captavam-se, pessoas originárias das colônias que vinham estudar para Lisboa. Sendo suposto, depois, que seriam a elite administrativa do império. Naturalmente, por demasiado tardio, no caso concreto português, saiu tudo ao contrário e a concentração de estudantes africanos aqui em Lisboa, se transformou no principal foco de nascimento e desenvolvimento dos movimentos de libertação das antigas colônias portuguesas. Concentrando essas pessoas, elas consideraram e ganharam consciência de que iam se voltar contra a potência colonial. Penso que o Império Romano foi, fundamentalmente, um Império inclusivo e essa inclusividade é, para mim, a principal justificativa da sua longevidade e da absorção de toda essa diversidade cultural. Seria impossível sustentar um Império por cinco séculos (no Ocidente) e quinze (a Oriente) com base na violência e coação.

PPAF: Resposta inspiradora. Novamente, a mensagem é de incorporação. Compartilho, com o professor Fabião, de boa parte dessas considerações a respeito dessa inclusividade, como característica importante, e por contraste com o imperialismo moderno e contemporâneo. É muito útil, também, em termos de análise historiográfica para que possamos criticar os usos da Antiguidade, do Império Romano, para fins imperialistas modernos. Sempre menciono um exemplo que é o Império Otomano, que perdurou por muito tempo, e que teve um caráter inclusivo. Pessoas da mais alta elite eram judeus, pessoas vindas da Península Ibérica e de outros lugares. E isso é muito interessante. Eu gostaria de agradecer o professor Fabião pela disposição de estar conosco hoje. Sua entrevista foi muito importante porque não tínhamos, que colaboramos com o professor há anos, uma noção clara sobre sua trajetória e de alguns de seus pontos de vista sobre alguns aspectos do estudo da Antiguidade. Então, esta publicação será muito útil. Agradecemos muito e contamos com sua preciosa revisão, antes da tradução. Também gostaria de agradecer ao professor Filipe, que está comigo na Unicamp. Agradecemos, ainda aos professores Glaydson José da Silva e Gilberto da Silva Francisco, que coordenam a Revista *Heródoto*, e que fizeram esse gentil convite a nós. Agradecemos muito, professor Fabião.

CF: Eu quem agradeço o convite. Foi, como sempre, um prazer estar convosco. Espero que da próxima vez estejamos em presença física e não esta nova realidade em que vivemos, na qual estamos reduzidos a retângulos no ecrã do computador. Muito obrigado.